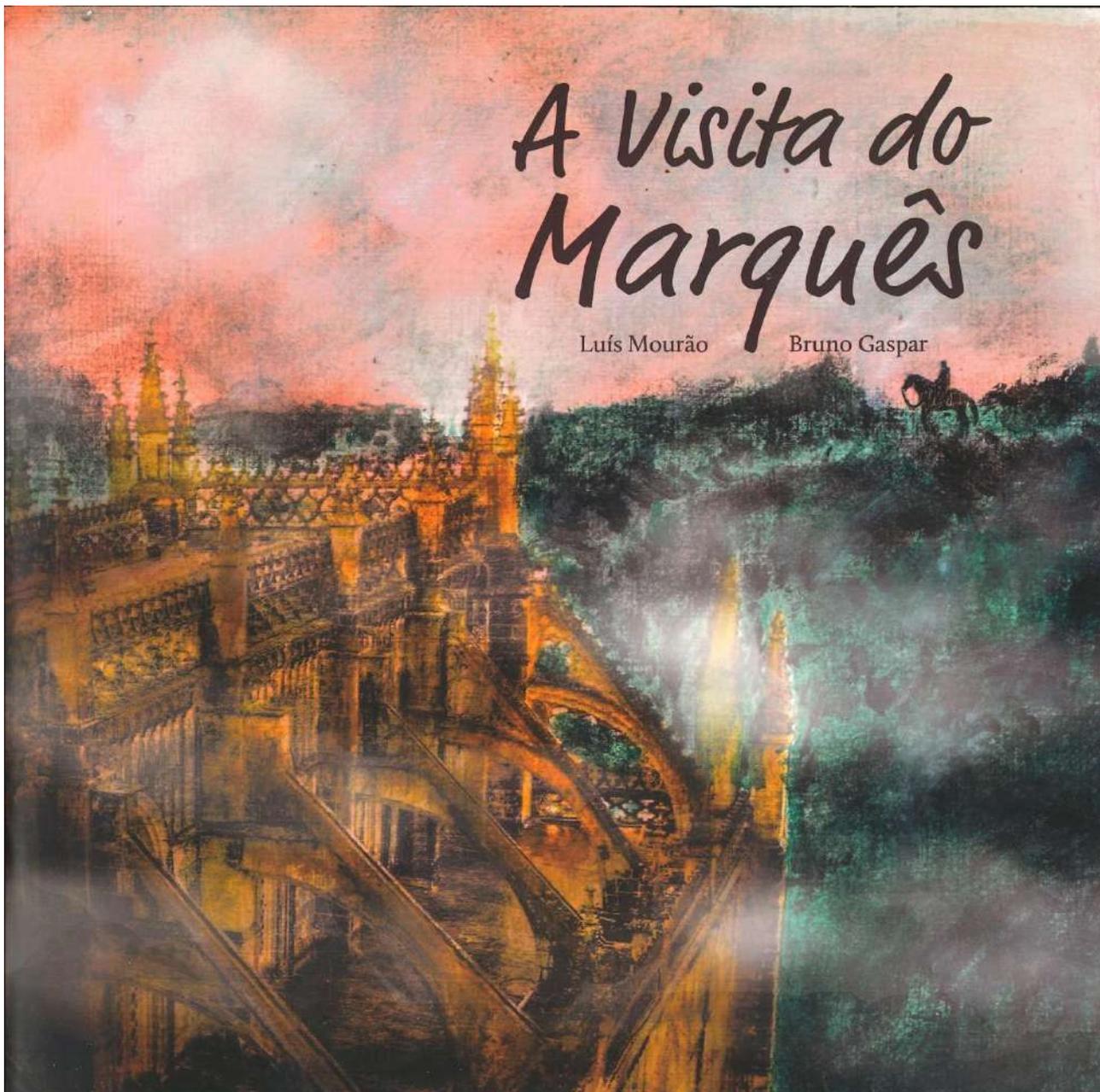


A Visita do Marquês

Luis Mourão

Bruno Gaspar

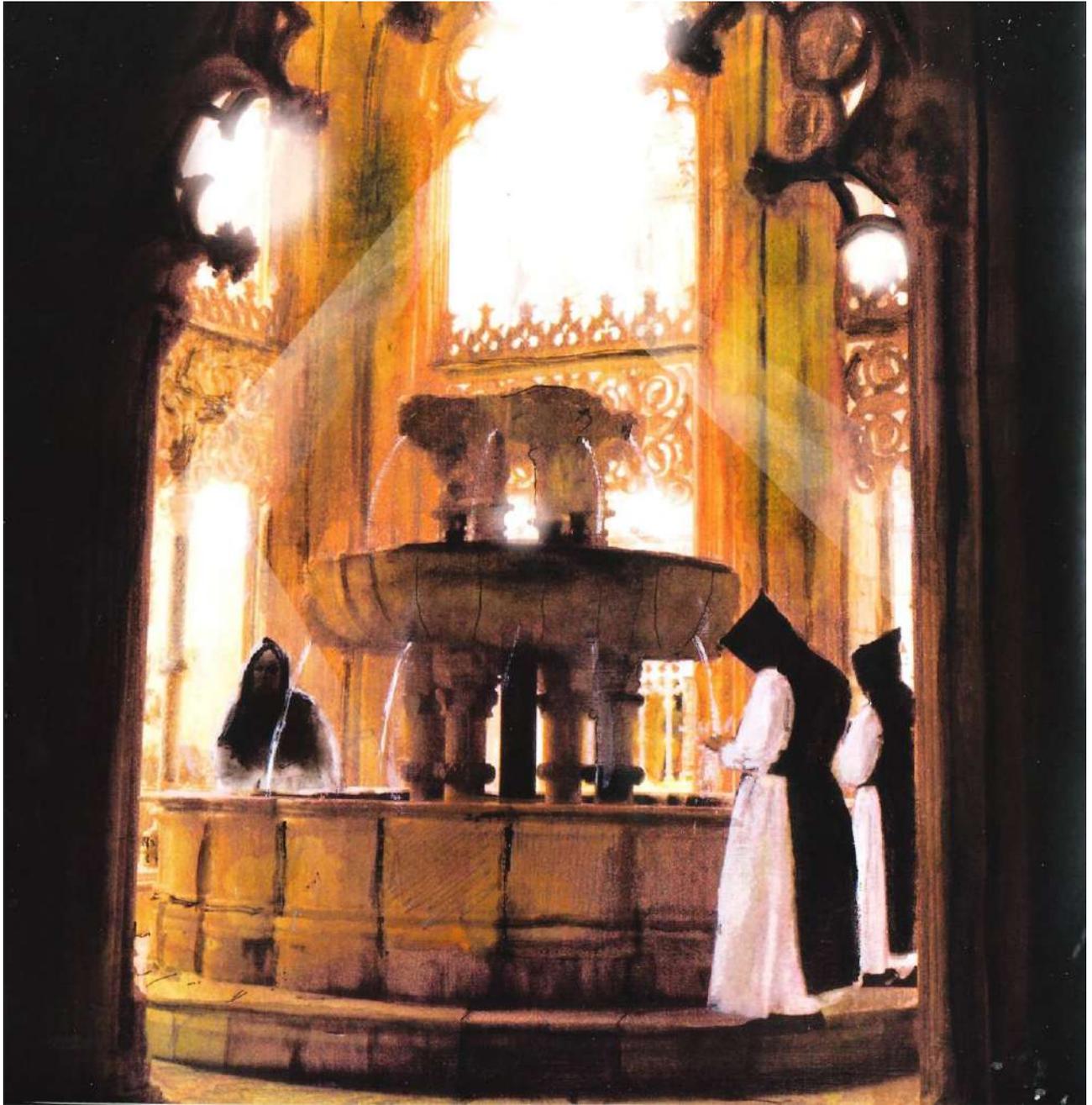


A Visita do Marquês

Luís Mourão

Bruno Gaspar





Visitas dramatizadas no Mosteiro da Batalha: uma aposta ganha na valorização do Património junto dos mais novos

Através da concretização de uma importante parceria que envolve, desde o Ano Letivo 2014/2015, a Câmara Municipal da Batalha, a Direção-Geral do Património Cultural/Mosteiro da Batalha, o Grupo de Teatro 'O Nariz' e o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha, é com grande satisfação que constatamos que o projeto de visitas dramatizadas ao Mosteiro da Batalha já registou a participação de mais de 22 mil alunos, oriundos de norte a sul do país.

O sucesso desta iniciativa, bastante valorizada por docentes, responsáveis da área de Serviço Educativo e do Património e dos próprios alunos, em muito se deve à originalidade e à dinâmica garantidas pelos atores do Grupo de Teatro "O Nariz", bem como à adaptação aos currículos e aos conteúdos pedagógicos que as "histórias" que são desvendadas concretizam.

A publicação da presente obra pretende, com as devidas adaptações efetuadas aos textos "A visita do Marquês" e "Eram só pedras quando tudo começou", da autoria de Luís Mourão e com ilustrações de Bruno Gaspar, constituir mais um motivo para a (re)descoberta do Mosteiro da Batalha pelo público infantojuvenil e respetivas famílias.

Este é assumidamente um projeto de sucesso, dotado de enorme valia pedagógica, cujo objetivo pretendeu, desde a primeira encenação ainda no formato experimental, aproximar o Património das gerações mais jovens por forma a valorizar a importância da nossa História que, sendo única, merece ser perpetuada nas Mulheres e nos Homens de amanhã.

As "Visitas Dramatizadas no Mosteiro da Batalha" integram, na rubrica Serviços Educativos, o programa Lugares Património da Humanidade, uma importante linha de financiamento com fundos europeus que integra a valorização turística dos recursos únicos e de excelência, sediados na região Centro e inscritos na lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO, designadamente o Mosteiro de Alcobaça, o Mosteiro da Batalha, a Universidade de Coimbra – Alta e Sofia e o Convento de Cristo, em Tomar.

Este projeto é para nós uma aposta ganha na valorização do Património e cumpre, nesta excelente adaptação, um novo objetivo de estímulo e motivação à leitura junto dos mais novos.

Paulo Jorge Frazão Batista dos Santos, *presidente da Câmara Municipal da Batalha*

O futuro

Italo Calvino, quando pensou para a Literatura as “Seis propostas para o novo milénio”, condensou numa frase o que tão bem serve quando se fala de Património:

“Iremos ao encontro do próximo milénio sem esperar encontrar nele nada mais do que aquilo que seremos capazes de levar-lhe”.

O valor que damos ao que se recebe como herança é sempre relativo. Património tem valor pela memória que dele temos e pelo(s) sentido(s) que lhe vamos dando no presente.

E porque o Património é sempre coisa de Futuro, o encontro com as novas gerações é, desde logo, um imperativo. Como em qualquer outro processo educativo é fundamental também que a relação com o Património seja emocionante e vinculativa; para que os mais novos se possam identificar com a sua herança, a possam sentir como sua, a possam conhecer e salvaguardar.

Porque não basta, portanto, um monumento conservado, quase como um espaço museológico fúnebre, para deleite só de alguns. É fundamental que o Monumento possa ser usufruído e vivido.

Nas quatro ou cinco grandes linhas estratégicas que definimos no Plano de Ação para o monumento, desde logo assumimos como prioritário (a par da conservação e preservação) o revigoramento da relação do Monumento com os mais novos, com as escolas e comunidades educativas, em colaboração com a Autarquia. Uma das primeiras iniciativas foi precisamente convidar um grupo profissional – O Nariz, a equacionar a oferta de encenações pedagógicas, baseadas na história do monumento e nas suas vivências. Encenações versáteis, apenas com três ou quatro atores, que pudessem com facilidade corresponder a diferentes níveis etários e pudessem de uma forma lúdica e atrativa aliciar os jovens a “entender” e a “vivenciar” o Monumento.

Aceite esse repto, o projeto tem seguido o seu curso, ao longo de seis anos, alimentado pelos milhares de alunos de todo o país que procuram conhecer o Mosteiro da Batalha, o seu Museu e a sua vila.

E desse desafio, que Luís Mourão tão bem passou para a escrita, surge esta obra, agora revigorada com as ilustrações de Bruno Gaspar, num imperativo – sempre tão aliciante – de deixar para o futuro as estórias que o presente (re)inventa.

Joaquim Ruivo, *diretor do Mosteiro da Batalha*

Há cada vez mais motivos para visitar o Mosteiro!

O Mosteiro da Batalha é um dos monumentos que mais visitantes atrai no Centro de Portugal e no país. Em 2018, quase 500 mil pessoas transpuseram as suas magníficas portas. Na região, apenas a Universidade de Coimbra apresenta números equiparáveis, o que coloca a Batalha num patamar de rara excelência a nível nacional.

Mais do que um monumento classificado como Património da Humanidade pela UNESCO, o Mosteiro da Batalha é uma marca fundamental da portugalidade. Desde logo, pela sua origem, que remete para uma vitória militar decisiva para o futuro de Portugal enquanto país. Depois, pela exuberância dos traços que o decoram, de um gótico final em que se adivinha já o tão português estilo manuelino. É, sem dúvida, um dos monumentos mais bonitos que este país tem para mostrar – e que fica na memória dos turistas que nos visitam, em número cada vez mais expressivo.

No entanto, por mais magnífico que seja um edifício, por mais emblemático que tenha sido o seu papel na História, é fundamental que haja vida dentro das suas paredes.

São, por isso, de louvar as iniciativas que levem as pessoas a visitar os monumentos e os museus. Entre várias ações realizadas e em curso no Mosteiro da Batalha, nomeadamente as inseridas no programa Lugares Património Mundial no Centro de Portugal, merecem especial destaque as visitas dramatizadas, por serem dirigidas aos mais novos. É desde muito cedo que nasce o gosto pelas artes e pela História e estas visitas conciliam de forma perfeita as duas áreas do saber.

Tanto “A Visita do Marquês” como “Eram Só Pedras Quando Tudo Começou” são textos inspirados. Ao acompanhar os atores, deixamo-nos deslumbrar com as “estórias” que fazem a história do Mosteiro – e a História de Portugal. Ficamos a conhecer todos os recantos do edifício e sorrimos com a forma bem-disposta com que ele nos é apresentado. Não é preciso mais nada para sairmos satisfeitos. Não são excessivos os elogios que têm sido feitos aos seus autores. Pelo contrário, pecam por escassos.

Estão de parabéns o Município da Batalha, a DGPC/Mosteiro da Batalha, o Grupo de Teatro O Nariz e o Museu da Comunidade Concelhia da Batalha. Os alunos agradecem que continuem a inovar e a apresentar a História de forma criativa. O Mosteiro da Batalha, que já viu tanto, ganhou mais uma razão para ser visitado.

Pedro Machado, presidente da Entidade Regional de Turismo do Centro de Portugal

*A Visita do
Marquês*

Canto 1

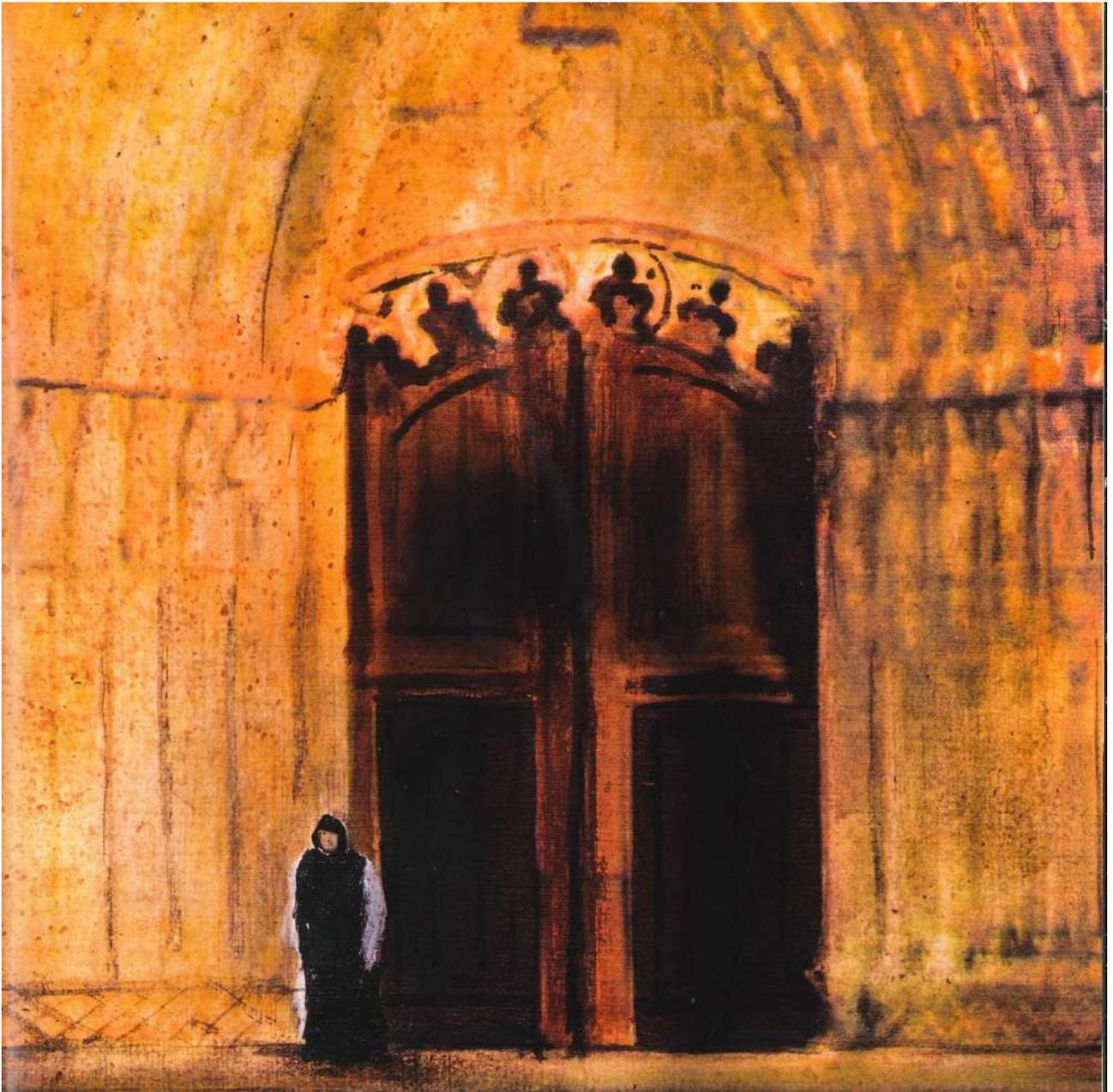


O dia nasceu de mau humor, nublado e frio e convidava mais ao recolhimento entre paredes do que a esperas ao ar livre mas, mesmo com os pés enregelados, os olhos remelosos e um pingo a correr-lhe do nariz, Frei Jerónimo não arredava pé do portal da igreja do Mosteiro. O Prior tinha-lhe dito para vir esperar o senhor Marquês e ele lá estava, à espera.

“Ninguém sabia quando tinha começado o ritual semanal de receber e alimentar o Marquês mas era coisa que já durava há muito”, pensou Frei Jerónimo para passar o tempo. Não que o homem precisasse, pelo menos a ver pelos fatos de fino corte e tecidos caros ou pela barriga avantajada. “Mais preciso eu”, ruminou o Frade, aninhando-se ainda mais contra as pedras húmidas do portal.

A cabecinha muito pequena e redonda de Frei Bernardo espreitou pela porta entreaberta cá para fora e os seus olhos curiosos percorreram Frei Jerónimo de alto a baixo com um trejeito de simpatia. “Ainda não chegou?”. “Ainda não”, respondeu Jerónimo pouco disposto a conversas. “Eu, se fosse a ti, metia-me cá dentro antes que apanhasse alguma coisa ruim, irmão. Está um frio de rachar...”, insistiu Frei Bernardo. “Pois, mas tu não és eu”, atalhou Frei Jerónimo, puxando o capote para cima dos ombros e enterrando ainda mais o capuz na cabeça. Bernardo mastigou o que quer que fosse que tencionava acrescentar e retirou-se para a Igreja sem dizer mais nada. Frei Jerónimo suspirou de alívio e esboçou um sorriso, “a sofrer prefiro sofrer sozinho”, pensou.

O Frade de vez em quando levantava a cabeça e olhava os campos em



frente. Haveria de ser de lá que o senhor Marquês haveria de vir, de Alcobaça, com banho tomado e perfume posto, jaqueta impecável e cavalo escovado, ajaezado à andaluza. Haveria de vir, sorriso nos lábios e faces rosadas. Viria, certamente, não se sabia era quando.

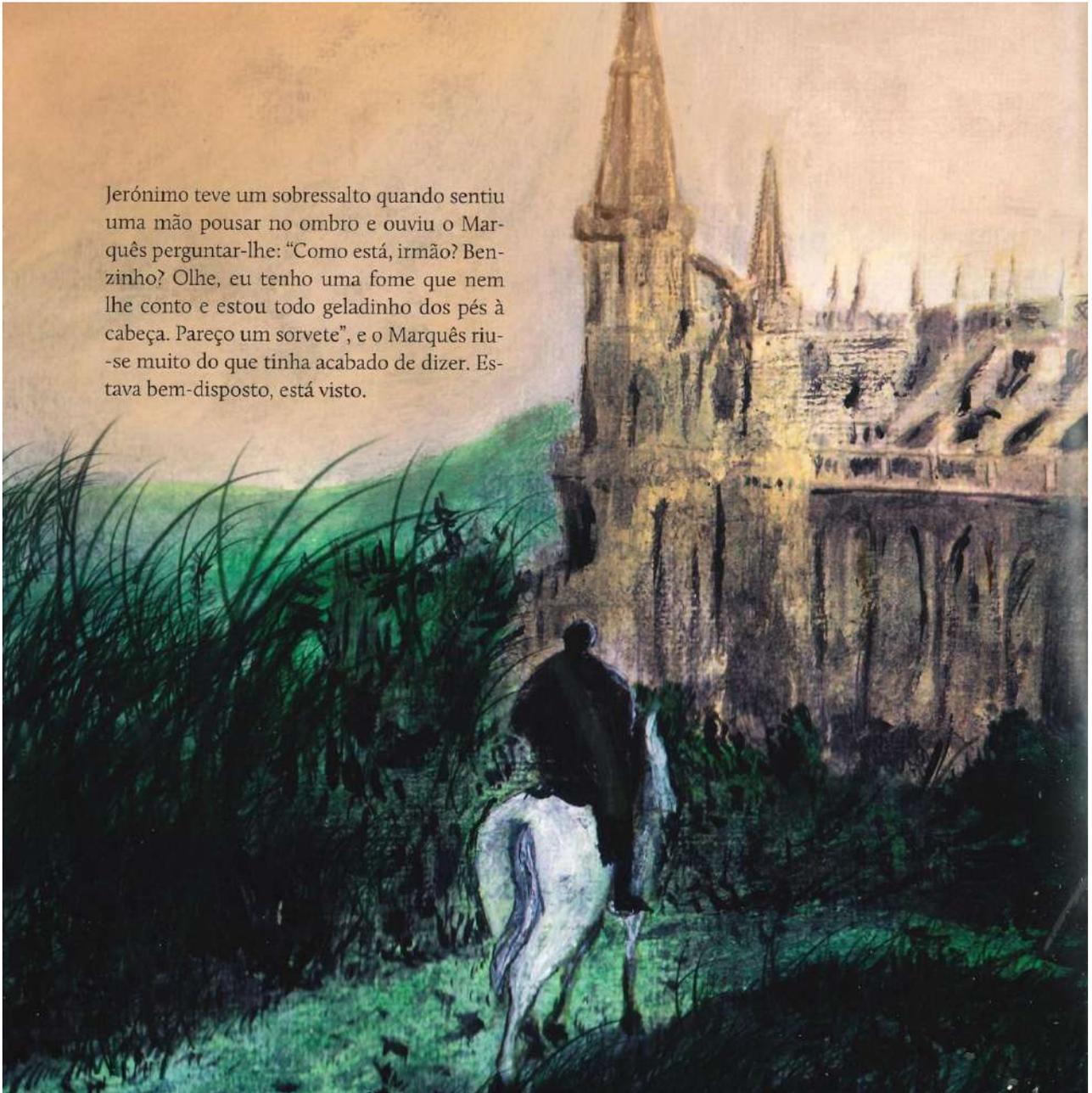
“Mal por mal, estará cá antes do jantar”, murmurou de si para si, Jerónimo. E o jantar era, nesses tempos e naquela casa, às 11 horas em ponto sendo que já passava um pouco das 10. Daí o Frade ter toda a razão para pensar que aquele sofrimento estava a chegar ao fim, mais tarde ou mais cedo.

Sem dar por isso, deixou-se descair mais ainda contra as pedras do portal e fechou os olhos, como se dormisse mas, sem dormir. Pouco importa para esta história, uma vez que até de olhos fechados o Frade era capaz de dizer tudo o que se iria passar quando o Marquês chegasse ao Mosteiro.

E sabia-o por duas razões, ambas de peso: porque quando se repete o mesmo, muitas e muitas vezes, chega uma altura em que tanto faz ter os olhos abertos como fechados e porque o Marquês não só seguia sempre o mesmo percurso como dizia, praticamente, sempre a mesma coisa. “Aposto que, quando chegar aqui, diz: ‘Que fachada incrível, irmão’” e, com este pensamento, fechou ainda mais os olhos.



Jerónimo teve um sobressalto quando sentiu uma mão pousar no ombro e ouviu o Marquês perguntar-lhe: “Como está, irmão? Benzinho? Olhe, eu tenho uma fome que nem lhe conto e estou todo geladinho dos pés à cabeça. Pareço um sorvete”, e o Marquês riuse muito do que tinha acabado de dizer. Estava bem-disposto, está visto.





Frei Jerónimo só queria recolher-se lá dentro mas o Marquês não parecia muito disposto a isso. E não se calava:

– As minhas desculpas, irmão, estou sempre um bocadinho atrasado. Não sei porquê mas os jantares com o senhor Prior de Alcobaça parece que duram sempre um dia inteiro, e muitas vezes, a noite também. Foi o caso ontem e dormi mal. Pode-me perguntar, irmão, que mal pode fazer uma canja de pombo e uma pá de borrego a um cristão? Não sei, mas passei a noite um bocado mal. E agora que já perguntou, pergunto eu: O que é o almoço?

– O meu são papas de aveia perfumadas, se assim se pode dizer, com castanhas piladas... mas o de vossa senhoria e do senhor Prior... talvez peixe do mar, estiveram aí de manhã cedo pescadores que caminharam a noite inteira da costa aqui. E, sabe como é, o senhor Prior se há coisa de que gosta é de peixe fresco... E se entrássemos, senhor Marquês?

“Entramos já”, respondeu-lhe o Marquês dando meia dúzia de passos atrás. “Primeiro, quero olhar bem para isto”, acrescentou. “Que fachada incrível... verdadeiramente grandiosa. Parece uma gruta esculpida por anjos...”.

“Ora, lá está!”, pensou o Frade, mas não o disse. O que disse foi:

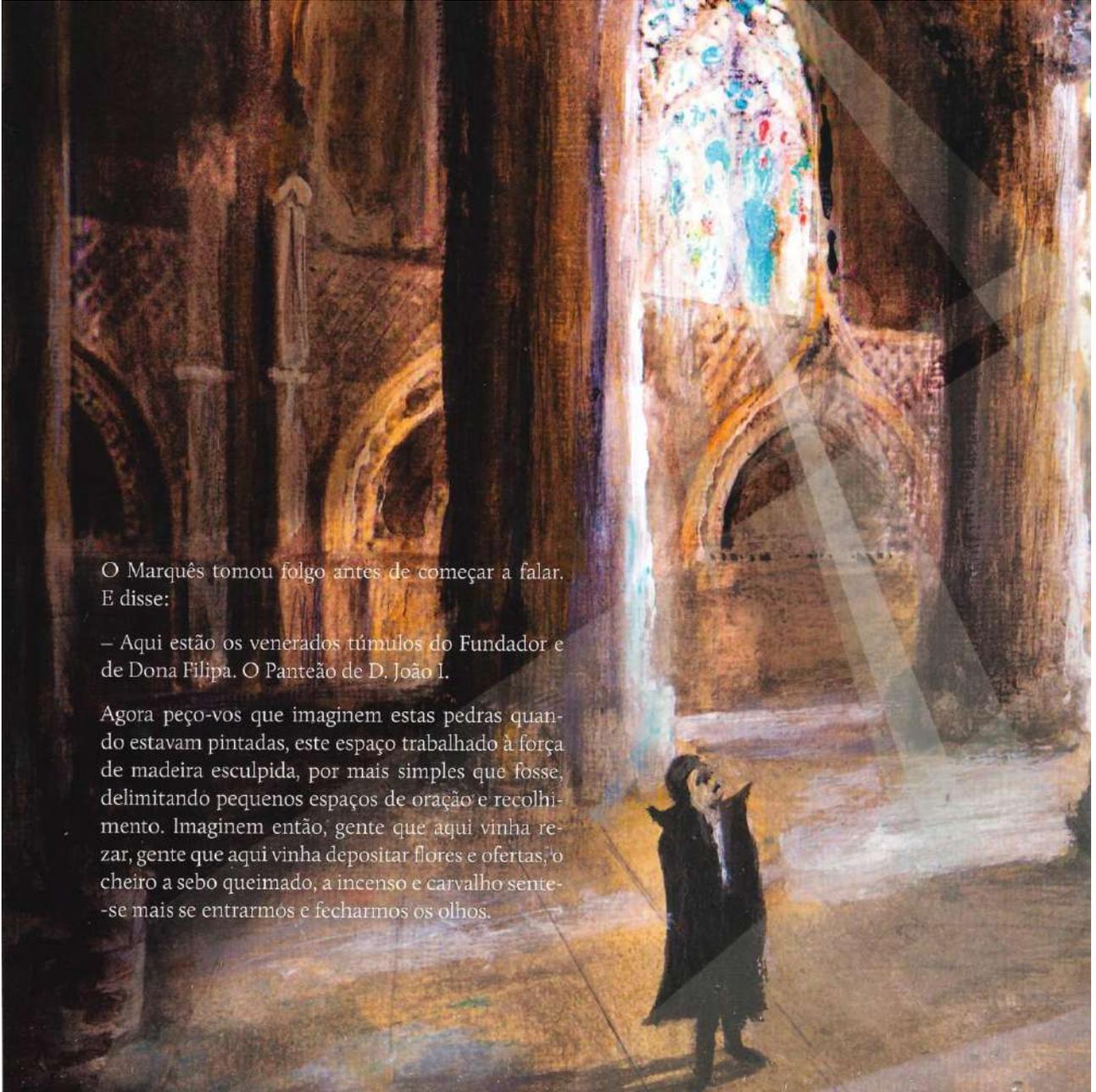
– Posso garantir a Vossa Senhoria que foi toda feita por homens. Vossa senhoria sabe bem que gosto muito dessa imagem, uma gruta. Uma gruta com Deus lá dentro... E agora, se vossa mercê me desculpa vou ali tratar de umas coisas.



Entraram os dois na igreja silenciosa. O Frade deslizou rapidamente em direção ao altar-mor e desapareceu lá por detrás enquanto o visitante se estasiava, espedado, com a beleza da imensa nave. Ficou assim algum tempo e depois dirigiu-se com um suspiro para a sua direita. Como num sonho, subiu os degraus de um salto e viu-se rodeado de velhos amigos. Gente que não via há muito, companheiros de brincadeira ou sofrimento saíam das sombras para lhe dar conforto e fazer companhia.

O Marquês falava para eles como se estivessem ali, sentia-os a seu lado, ouvia-os conversar, rir e deambular por entre colunas. Era um mistério muito grande o que acontecia ao Marquês. E era um mistério que lhe acontecia sempre ao passar, sozinho, o portal da Capela do Fundador.

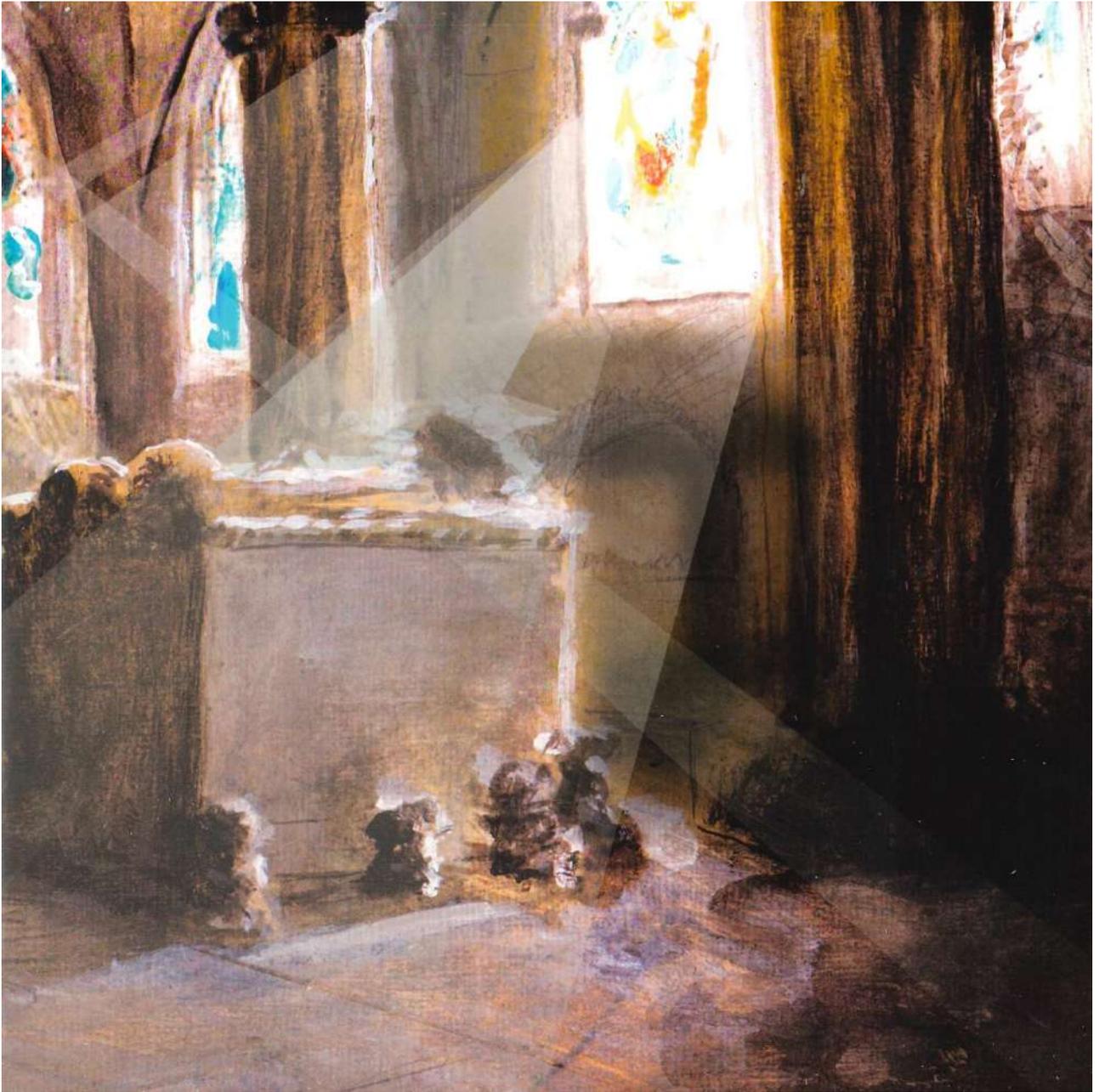


A painting of a cathedral interior. A man in a black coat stands in the foreground, looking up at a large, colorful stained glass window. The scene is dimly lit, with light streaming through the window, creating a dramatic atmosphere. The architecture features Gothic-style arches and columns.

O Marquês tomou folgo antes de começar a falar.
E disse:

– Aqui estão os venerados túmulos do Fundador e de Dona Filipa. O Panteão de D. João I.

Agora peço-vos que imaginem estas pedras quando estavam pintadas, este espaço trabalhado à força de madeira esculpida, por mais simples que fosse, delimitando pequenos espaços de oração e recolhimento. Imaginem então, gente que aqui vinha rezar, gente que aqui vinha depositar flores e ofertas, o cheiro a sebo queimado, a incenso e carvalho sentem-se mais se entrarmos e fecharmos os olhos.



Reparem bem: cada um destes espaços, cada uma destas edículas, eram um altar. A cada Infante a sua devoção. Aqui, São Miguel Arcanjo que D. Pedro escolheu como seu, ali, o Infante Santo, D. Fernando, o irmão mais novo que D. Henrique nunca esqueceu nos sonhos e nas orações, a seguir o Santo predileto de D. João, São João Baptista. E têm de os imaginar a cirandar por aqui com pés de lã, a ajoelhar, a acender velas sobre velas, por isto e por aquilo, um filho ou uma filha, um parente, um amigo. Os padres-fracades tão assoberbados com missas e ladainhas que tinham de pedir ajuda aos seculares. Coisa que, está bem de ver, não agradava a ninguém... Ah, deixemos isto. A última das edículas guardava o altar da Assunção da Virgem que D. Fernando, o Infante Santo, elegeu para devoção.

Andemos. Ao centro, D. João e a mulher D. Filipa da casa de Lencaster – a rosa, a rosa de Lencaster é o que mais se vê por aí. Vamos lá, nestes arcosólios, uma palavra que ainda é mais retorcida do que edículas, não acham? Mas vale o mesmo... temos os infantes, cada um com o respetiva mote e respetivos escudos: D. Fernando, o Mártir de Fez, D. João, Mestre da Ordem de Santiago e sua esposa, D. Isabel de Barcelos, D. Henrique, o Navegador, Duque de Viseu e Mestre da Ordem de Cristo, único com estátua jacente como podem ver, e o de D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reino na menoridade de D. Afonso V, seu sobrinho, morto, mais tarde, em Alfarrobeira, e sua esposa, D. Isabel de Aragão. D. Afonso V está aqui mesmo a seguir depois de ter andado, literalmente a passear pelo Mosteiro. Assim como D. Afonso, filho de D. João II, que está aqui ao meio e andou de um lado para o outro também. Mas isto tudo aqui nesta parede é novo, data de finais do século XIX e acabadinho, acabadinho só ficou em 1901. Aqui ao fundo, venham ver, estava um armário. Coisa gigantesca de madeira, ainda se podem ver muito bem as uniões com a pedra. Armário que, desde 1434, quando o corpo do rei e da rainha foram para aqui trasladados, abrigava os

objetos mais preciosos de D. João relacionados com a Batalha de Aljubarrota, a sua espada, cota de armas, bandeira e coisas assim... Um sítio secreto e sagrado. Imaginem.

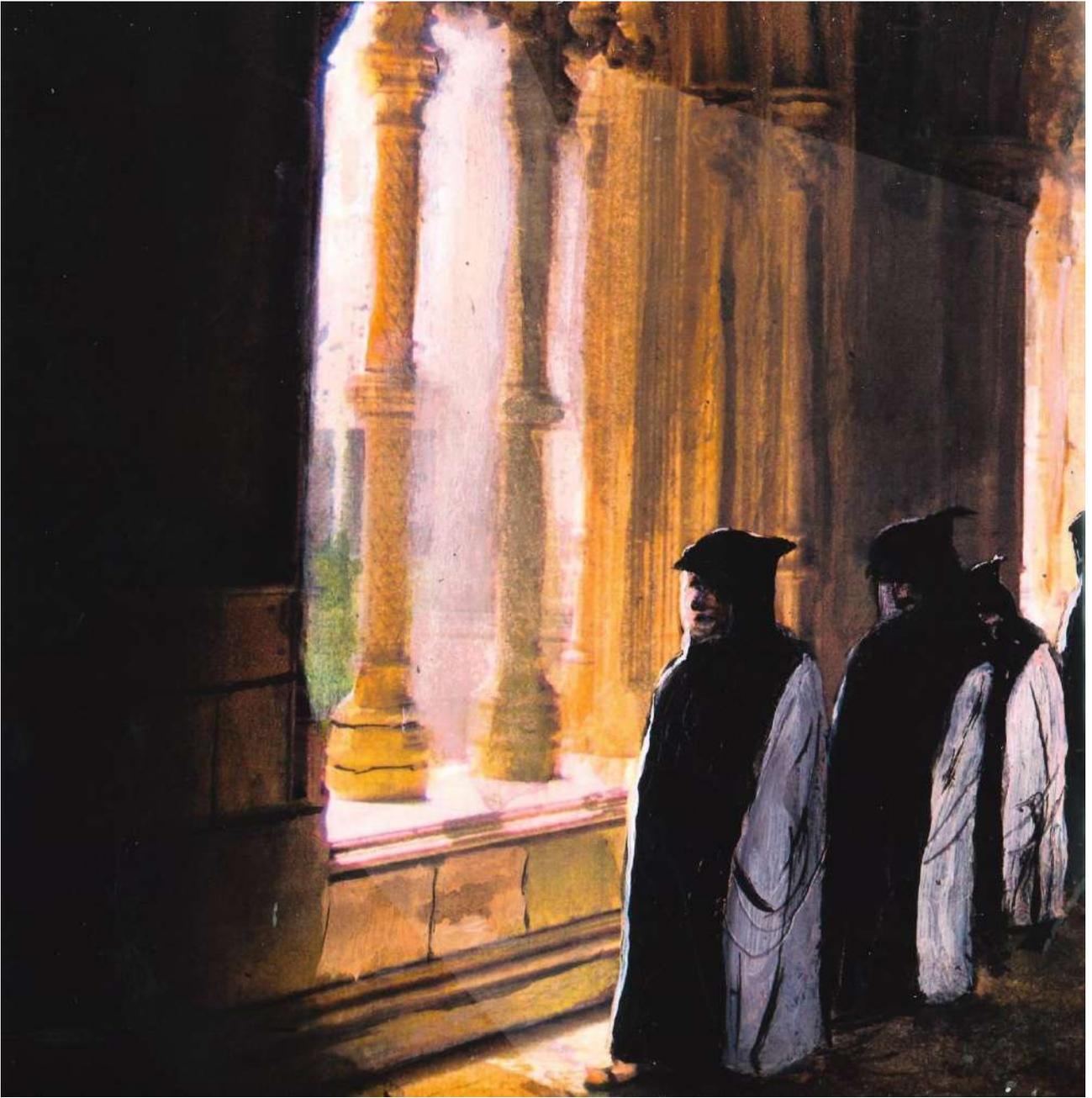
Muito bem, aqui estão agora, Reis, Rainhas e Príncipes e Princesas todos juntos como nunca estiveram. Tanta paz... Tanta beleza. Parece uma pérola dentro de uma pérola, dentro de uma pérola...

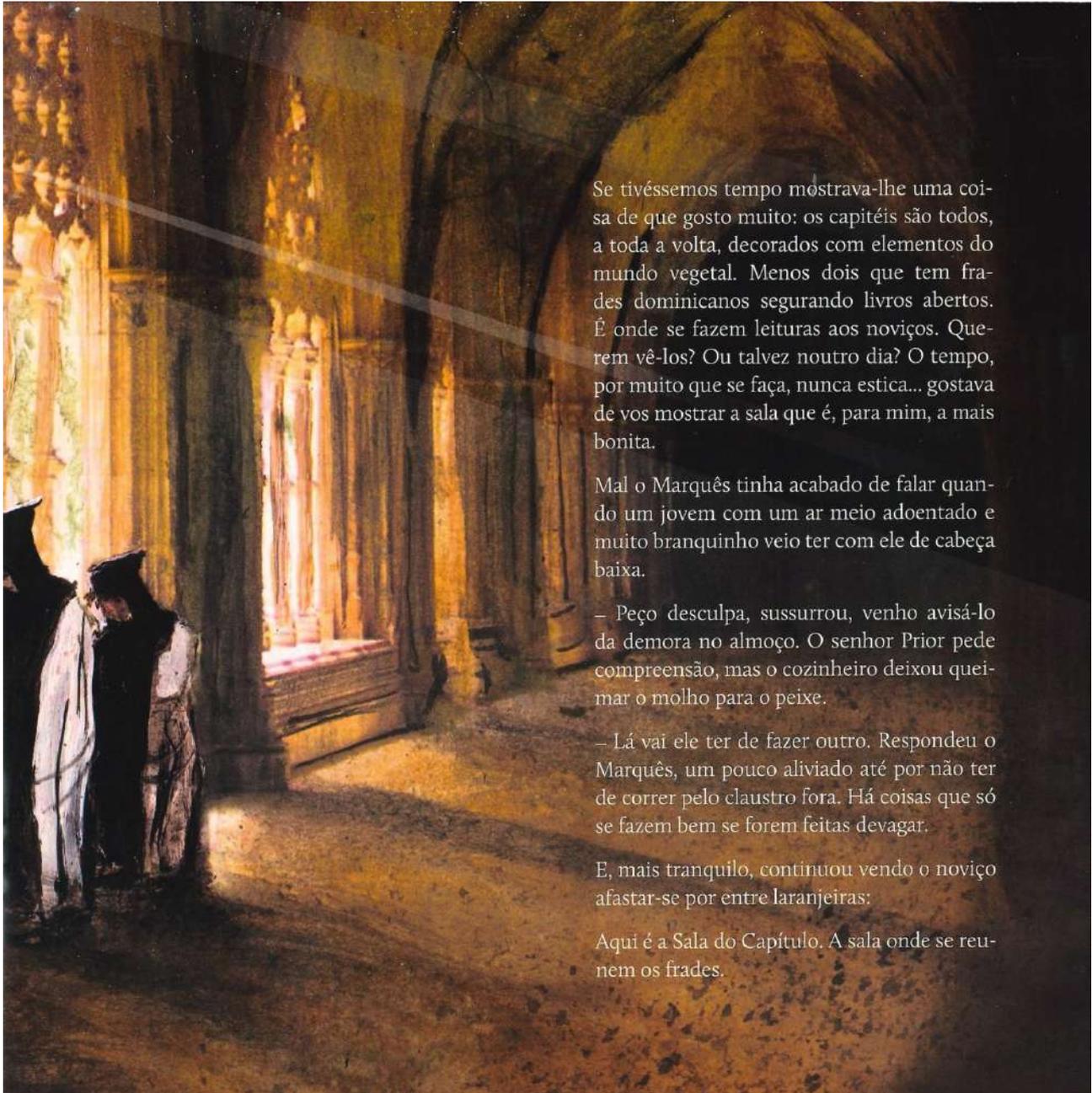
Sigam-me então minhas senhoras e meus senhores, que eu tenho à espera um peixe cozido ou grelhado e se faz tarde.

O Marquês andou depressa por entre as enormes colunas da igreja e só parou passada a porta do Claustro Real.

Aí respirava-se outro ar. Olhou em volta como para se certificar que as sombras dos seus amigos ainda o acompanhavam mas só via monjes que se afadigavam em tarefas que não conseguia adivinhar. Bem procurou, mas em vão, o olhar meio turvo, mas amigo, de Frei Jerónimo. Ninguém dizia palavra, baixavam a cabeça num aceno de saudação quando o viam e seguiam o seu caminho sem se deter. O Marquês, fechou os olhos e, contados os amigos, começou a falar com entusiasmo:

– Aqui começa realmente o convento, a casa dos frades dominicanos. Um outro mundo. Este claustro começou a ser feito a par com a igreja por Mestre Afonso Domingues e continuou nos primeiros anos do século XV já com outro arquiteto... Pouco sei sobre isto mas ainda sei que os arcos são do tempo de D. João I e que o preenchimento das bandeiras com este fino rendilhado se deve já à vontade de D. Manuel e o desenho, a Mateus Fernandes.





Se tivéssemos tempo mostrava-lhe uma coisa de que gosto muito: os capitéis são todos, a toda a volta, decorados com elementos do mundo vegetal. Menos dois que tem frades dominicanos segurando livros abertos. É onde se fazem leituras aos noviços. Querem vê-los? Ou talvez noutro dia? O tempo, por muito que se faça, nunca estica... gostava de vos mostrar a sala que é, para mim, a mais bonita.

Mal o Marquês tinha acabado de falar quando um jovem com um ar meio adoentado e muito branquinho veio ter com ele de cabeça baixa.

– Peço desculpa, sussurrou, venho avisá-lo da demora no almoço. O senhor Prior pede compreensão, mas o cozinheiro deixou queimar o molho para o peixe.

– Lá vai ele ter de fazer outro. Respondeu o Marquês, um pouco aliviado até por não ter de correr pelo claustro fora. Há coisas que só se fazem bem se forem feitas devagar.

E, mais tranquilo, continuou vendo o noviço afastar-se por entre laranjeiras:

Aqui é a Sala do Capítulo. A sala onde se reúnem os frades.

Falta ali dentro a madeira, os cadeirões trabalhados, os painéis de parede que os franceses queimaram aquando das invasões e os estrados de madeira exótica que suportavam os túmulos de D. Afonso V e de D. Afonso de Portugal. Queimados também. Uma sala mágica. Mágica. Nunca vi nada assim nem nunca ouvi falar de nada que se lhe possa comparar. Quem fez uma maravilha assim? Como é que não cai, perguntam-me muitas vezes? Caiu duas vezes com o Mestre Afonso Domingues que a começou a construir mas o empenho do Rei D. João, o esforço e o engenho do Mestre Huguet fizeram dela o que é, à terceira tentativa.

Não havia explicação, mas o Marquês fazia sempre uma pequena reviravolta e uma vénia à saída da Sala, como se fosse um passinho de dança ou um jogo qualquer que ninguém percebia.

Desta vez, olhou demoradamente para o vazio antes de acrescentar com um tom pausado e calmo:

– Gostava de lhes mostrar ainda o Refeitório grande... mas antes, aqui ao fundo... esta sala que já foi quase tudo... um grande dormitório... sala de aula... adega e armazém de frutas. Também vale a pena visitar.

Deteve-se com um sorriso rasgado no ângulo do cruzamento dos dois braços do Claustro, em frente ao portal do dormitório e abriu os braços de nariz espetado para cima. Tonitruante, obviamente satisfeito consigo mesmo, disse:

– Vocês até levavam a mal se não vos mostrasse aqui uma descoberta que fiz há um ror de anos. Se olharem para cima, vê-se bem gravado na pedra o momento em que Huget pega nas obras de Afonso Domingues. Dois estilos diferentes, Domingues redondinho e Huget chanfrado. Não é o único exemplo mas é o que está mais à mão.... Mestre Domingues... Mestre Huget. Engraçado, não é? Ah, já me cheira aqui a comida. Vamos, vamos.

Ah, isto é o lavatório. Onde os frades se lavam, quer dizer onde lavam a cabeça e o resto se for o caso e, sempre, as mãos. E cortam o cabelo e...

Lavam-se antes das matinas, a oração da madrugada, cerca de 3 horas da manhã. Depois, oração breve, como é a das matinas e mergulho nas papas... Eles têm um dia cheio de missas. Às 6 da manhã é a Prima. A Terça às 9. A Sexta ao meio-dia e a Noa às 3 da tarde. As Vésperas antes de almoçar, às seis da tarde mais ou menos e as Completas antes de irem dormir, às 9 da noite, o mais tardar.

E o Marquês acrescentou no meio de uma gargalhada que, de verão, era mais difícil porque se perdia a noção do tempo, porque é de dia até à noite e de noite até ao dia.

Um passo mais à frente, voltou a parar. Para acrescentar logo de seguida, que ali, passada a porta, ficava o refeitório grande. E logo de seguida, a cozinha.



E, uma vez entrados no claustro dos noviços, logo à esquerda a despensa. Finalmente, o refeitório pequeno e os espaços de serventia e armazenamento.

O Marquês levantou o nariz e aspirou com violência antes de entrar numa espécie de fresesim:

– Bem, este claustro tão acolhedor é chamado de D. Afonso V ou dos noviços. É aqui que se passam as coisas do dia-a-dia, as coisas mais importantes, dormir, estudar, conversar, comer. Não lhes cheira a peixe cozido? A mim cheira. Hum...

Ali, ao fundo, imaginem, ficam os quartos da hospedaria onde vou dormir, as latrinas, a portaria e a botica.

Agora paro aqui. Continuamos noutro dia, se não levam a mal. Ui, cheira tão bem...

O Prior era um homem grande, com uma barba de chibo e um sorriso rasgado por entre as bochechas rosadas que apareceu à porta do refeitório com ar impaciente. “Então senhor Marquês? Um homem desespera de tanto esperar”, resmungou ele antes de acrescentar com um tom mais condescendente:

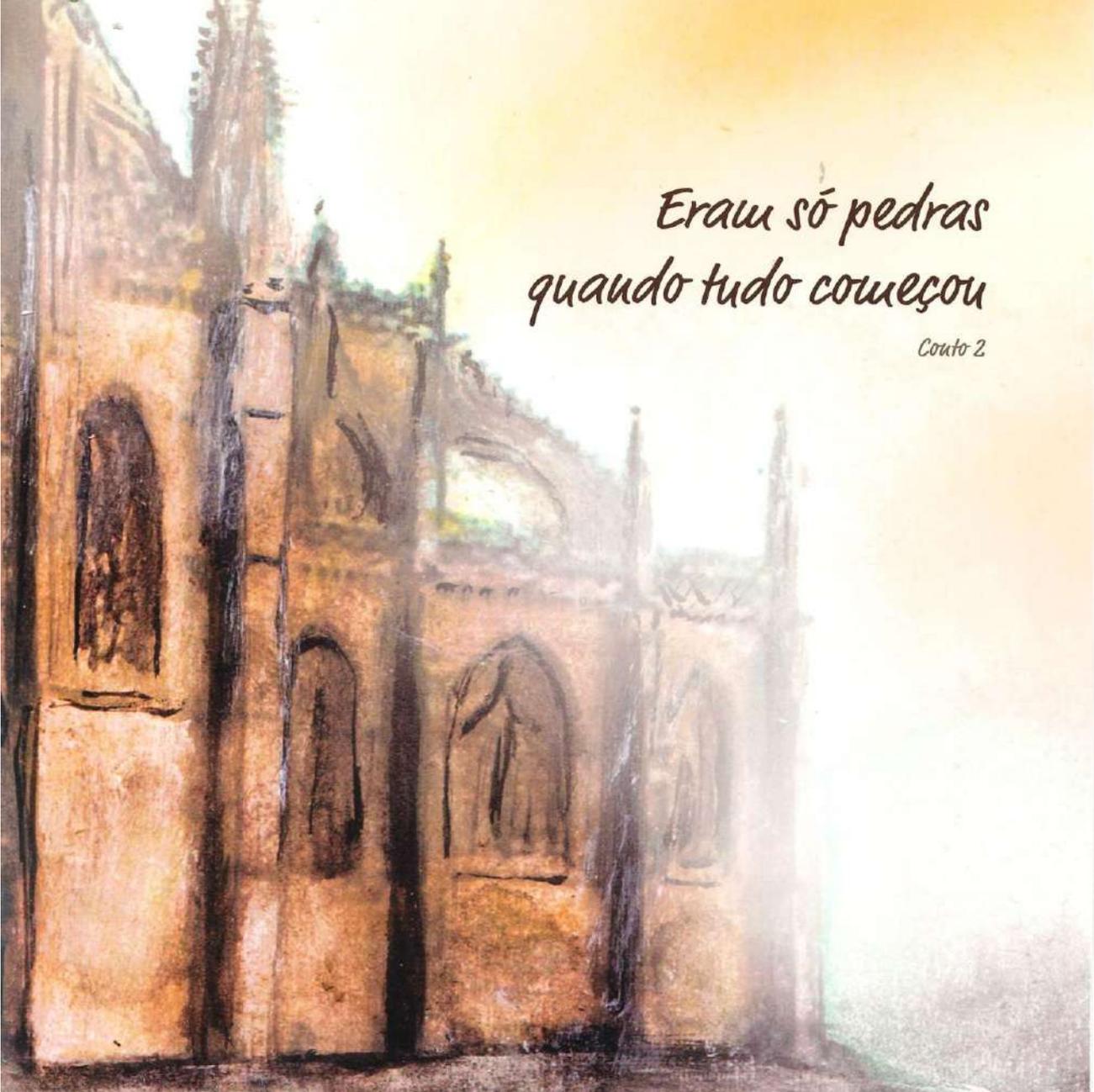


– Arroz com peixe e vegetais salteados à italiana. Infelizmente, sei bem que a Batalha come bem mais simples do que Alcobaça e do que vossa eminência está habituada. Ainda assim, espero que goste. Alguns doces. E fruta, romãs, laranjas e alperces em neve.

– Ah, alperces em neve. Que maravilha. Já tenho dito muitas vezes que não conheço como esta casa para ter sempre à mão gelo por mais entrado que seja o verão. Uma maravilha. Uma maravilha.

E os olhos do Marquês brilhavam de satisfação. E então, mesmo antes de mergulhar nos odores e sabores que arrefeciam em cima da mesa, deu um passinho atrás, trocou os pés, sacudiu a cabeça e, como numa despedida, acenou aos seus amigos ausentes e mandou-lhes um beijo soprado da palma da mão.





*Eram sō pedras
quando tudo começou*

Conto 2

Como toda a gente sabe de 100 em 100 anos, a não ser que algo de extraordinário aconteça, todos os arquitetos que fizeram do Mosteiro da Batalha aquilo que é reúnem-se numa curta visita, para verificar as condições em que se encontra o seu trabalho. Assim, uns séculos menos uns séculos mais, fazem uma passagem rápida por alguns dos pontos-chave do desenho estrutural e arquitetónico do monumento, desde o Portal de Huguet, que abre o corpo do Mosteiro à vila, a Portugal e ao Mundo, ao Portal de Mateus Fernandes, que envolve num manto de delícias e subtilezas as Capelas nunca mais completas.

Hoje, se nos aproximarmos sem alarido do portal principal da Igreja poderemos vislumbrar Martim Vasques e João de Castilho, que aguardam impacientemente todos os outros. E se João de Castilho, magro, alto e fleumático, se mostra capaz de passar ali uma eternidade, já Martim Vasques não é assim. Gordinho, mas desassossegado, ensaia passinhos nervosos em todas as direções e brande, como se perseguisse moscas, uma lista meia amarfanhada.

– Parece impossível. Vou chamar outra vez, achas bem?

João de Castilho olhou pelo canto do olho para ele como se olha para as coisas que não nos dizem respeito e resignado respondeu-lhe:

– Chama mais devagar.

Martim Vasques tentou, a muito custo, fazer-lhe a vontade. Com voz pausada, e marcando bem as palavras, voltou a chamar:

– David Huguet.

Martim Vasques, presente. Fernão d'Évora.



Diogo de Boitaca.

Mateus Fernandes.

João de Castilho. João de Castilho!

– Desculpa... presente.

– Miguel de Arruda.

Luís Mouzinho de Albuquerque.

Joaquim Guilherme Rebello Palhares.

Lucas dos Santos Pereira.... Nada. Enganamo-nos no dia ou quê?

João de Castilho encolheu os ombros. “O que é que eu posso fazer? Nada”, pensou e até talvez tivesse dito, se não visse Huguet a correr à desfilada na sua direção, enquanto gritava:

– Os telhados estão bons! Ouviram o que eu disse? Telhados bem. Juntas? Pior, algumas. Embora que, no coruchéu da cegonha e no panteão de D. João, estejam como novas. Fizeram um bom trabalho. Que é dos outros?

“Ainda não chegaram, Mestre” informou-o Martim Vasques com ar compungido. E nem João de Castilho resistiu a acrescentar, com um ar ressentido:

– É suposto cada um tratar das suas coisas, não? Acho muito estranho eles não aparecerem... Principalmente o Fernão d’Évora.

Martim Vasques ressentiu-se, levantou o queixinho e fez voz grossa.



– Por que é que estás a olhar para mim assim? Eu sou tio dele não sou pai. A última vez que estivemos juntos foi, para aí, há 70 anos num casamento de uma prima muito afastada. Nunca mais o vi.

João de Castilho não lhe respondeu. Sacudiu a cabeça e fixou o olhar em Huguet.

– Começamos a inspeção ou não?

– Os telhados estão vistos. Vamos embora.

– Essa de ir lá para cima sozinho tem que se lhe diga. Tu tens cada uma, Huguet. Vamos lá. Começa a ler, Martim.

E ele começou: – Então... desta vez, cabe-me a mim Martim Vasques, mestre de obras do Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha, dar-vos as boas-vindas à nossa reunião de verificação ordinária. Esta reunião junta todos os Mestres de Obras do Mosteiro menos aqueles que deram notícia de não poder estar e aqueles que, por pura incapacidade, nada ou quase nada fizeram e destina-se a verificar as condições em que se encontra o nosso Mosteiro, hoje... Os presentes concordam que só faz falta quem está. E pronto.

– Vamos lá. O portal está bem, atalhou Huguet.

– O portal está fantástico. Não me canso de te dizer isto. Podíamos ver este com mais pormenor.

E Martim Vasques iniciou uma ladainha obrigatória com o ar mais composto que conseguiu fazer: “Virgens, mártires e confessoras? Bem. Papas, bispos, diáconos, monges e mártires? Bem.”

– Reis de Judá, profetas e patriarcas? Muito bem, adiantou-se João de Castilho.

– Anjos músicos? Serafins? Perguntou Huguet enquanto se embrulhava na sua capa preta e puxava o capuz para as orelhas com um arrepio de frio. “Todos muito bem”, responderam-lhe.

Martim Vasques ia fazendo cruces no inventário que tinha na mão e sacudia a cabeça satisfeito. “Isto, a andar assim, é rápido”, pensou. E foi então que uma inquietação antiga se atravessou no seu espírito: “Como é que os serafins voam com três pares de asas?”

Huguet até se engasgou na pressa de o repreender:

– E foste tu meu aluno um ror de anos! Os serafins não voam, Martim. Aparecem e desaparecem, não precisam de voar para nada.

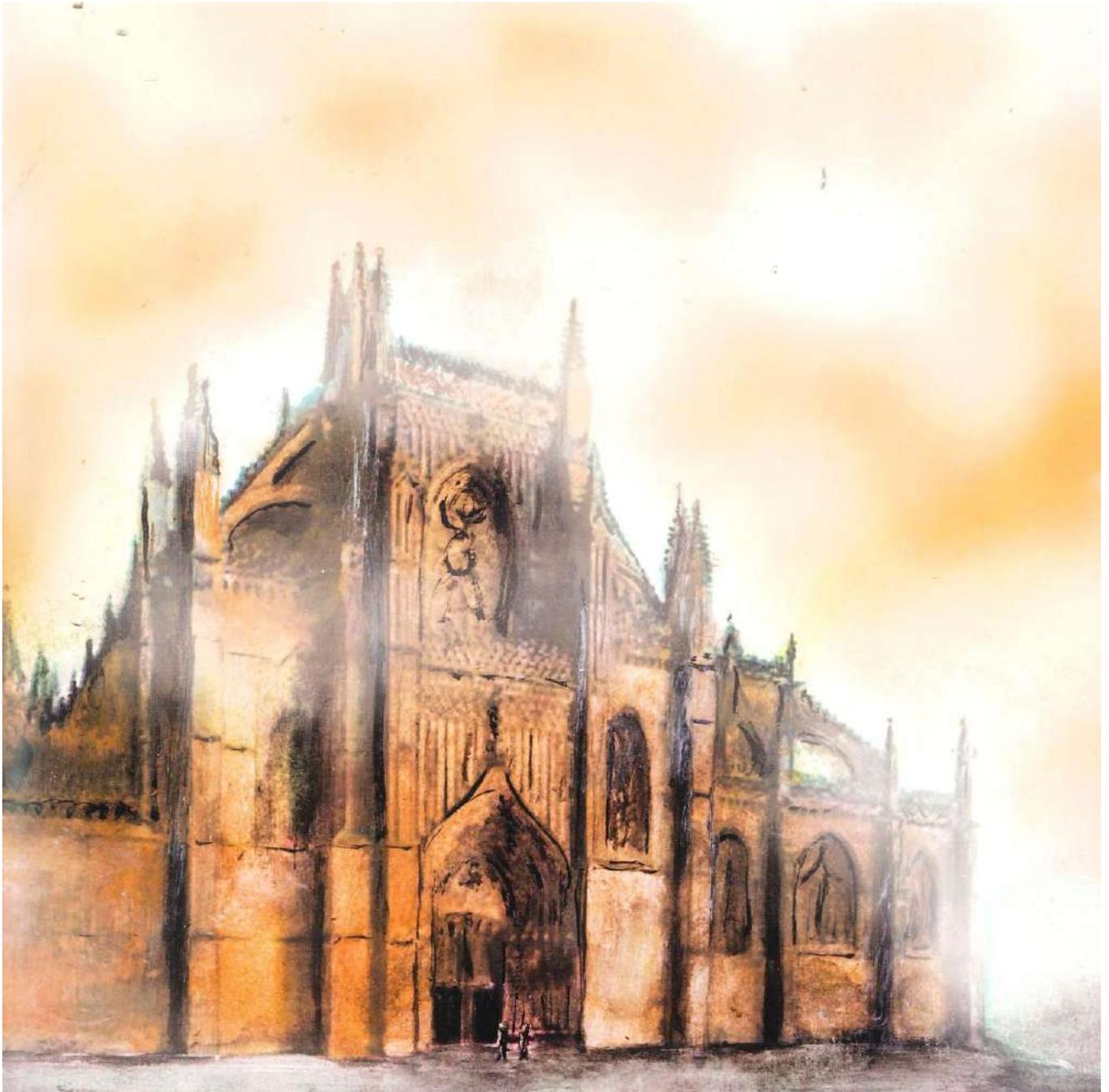
– Ah, estou a ver. Apóstolos? Onze muito bem. Um mal, certo? Vamos ao centro. Os quatro evangelistas. S. João? A águia? S. Marcos? O leão? S. Lucas? O boi? S. Mateus? O anjo? Deus?

Uma aragem gélida tornava cada vez mais penoso estar ali em frente ao portal, de cabeça empinada e pescoço esticado. Huguet, estava a ficar farto, João de Castilho, fartíssimo.

Martim Vasques continuava impávido: “Devíamos ter trazido binóculos. Lá em cima... A Coroação da Virgem? Bem”.

Huguet começou a passear de um lado para o outro, impaciente.

– Estava a pensar noutra coisa, disse ele. Lembro-me muito bem de chegar aqui a primeira vez. Já tinha visto os planos do Afonso Domin-



gues mas nunca é igual. A igreja sem portal. O Panteão não existia é claro. Mas, o muro do claustro, sim. Estava-se a fazer.

– Isso foi quando?, perguntou João de Castilho como se despertasse sobressaltado.

– Oh, que pergunta... 1390 e tal, 1400? Não me lembro. Eu e o Afonso Domingues só falávamos em francês e castelhano, até nisso ele nunca me ajudou nada. Mas mesmo assim... E, eu gosto dele, não tem nada a ver... De Mestre Afonso Domingues ficava o quê? Uma igreja gótica mas sem chama, uma sacristia muito bonita e um claustro bem desenhado, muito melhor do que lá está se o Mateus Fernandes não tivesse tapado a luz toda com aquelas bandeiras sem sentido nenhum.

Desta vez, João de Castilho, acordou decididamente.

– Sem sentido nenhum, Huguet?

– Quando vi aquilo a primeira vez, era como se me tivessem dado uma bofetada. O mesmo sentido de ritmo, o mesmo entendimento da luz. O que é a luz para ti, João?

– Deus?

– Não, Castilho, não. A luz o que é, Martim?

– O homem.

– O homem, claro que é o homem. Assim como a escuridão é a mulher. O velho Mestre Afonso Domingues nunca me teria recebido bem se não soubesse que, na minha vinda, tinha havido mão da rainha. Mão de rainha, deve ter pensado mas nunca mo disse, mão de





mulher: ventre, recolhimento. Era assim que ele pensava, coitado. E, ainda por cima, um convento dominicano de celebração de um ato viril... sem luz? Foi a primeira pergunta que lhe fiz. Não acha, Mestre, que falta aqui luz? Por que é que fazemos estas obras senão para o homem devolver a Deus as benesses da vida, os filhos, o poder, o dinheiro? Então e deixamos de fora a luz? É como se deixássemos de fora o próprio Homem.

João de Castilho estava agora completamente alerta. De olhos brilhantes e curiosidade estampada no rosto, ouvia cada palavra com toda a atenção. Se havia coisa de que gostasse era de velhas histórias de que já conhecia o final.

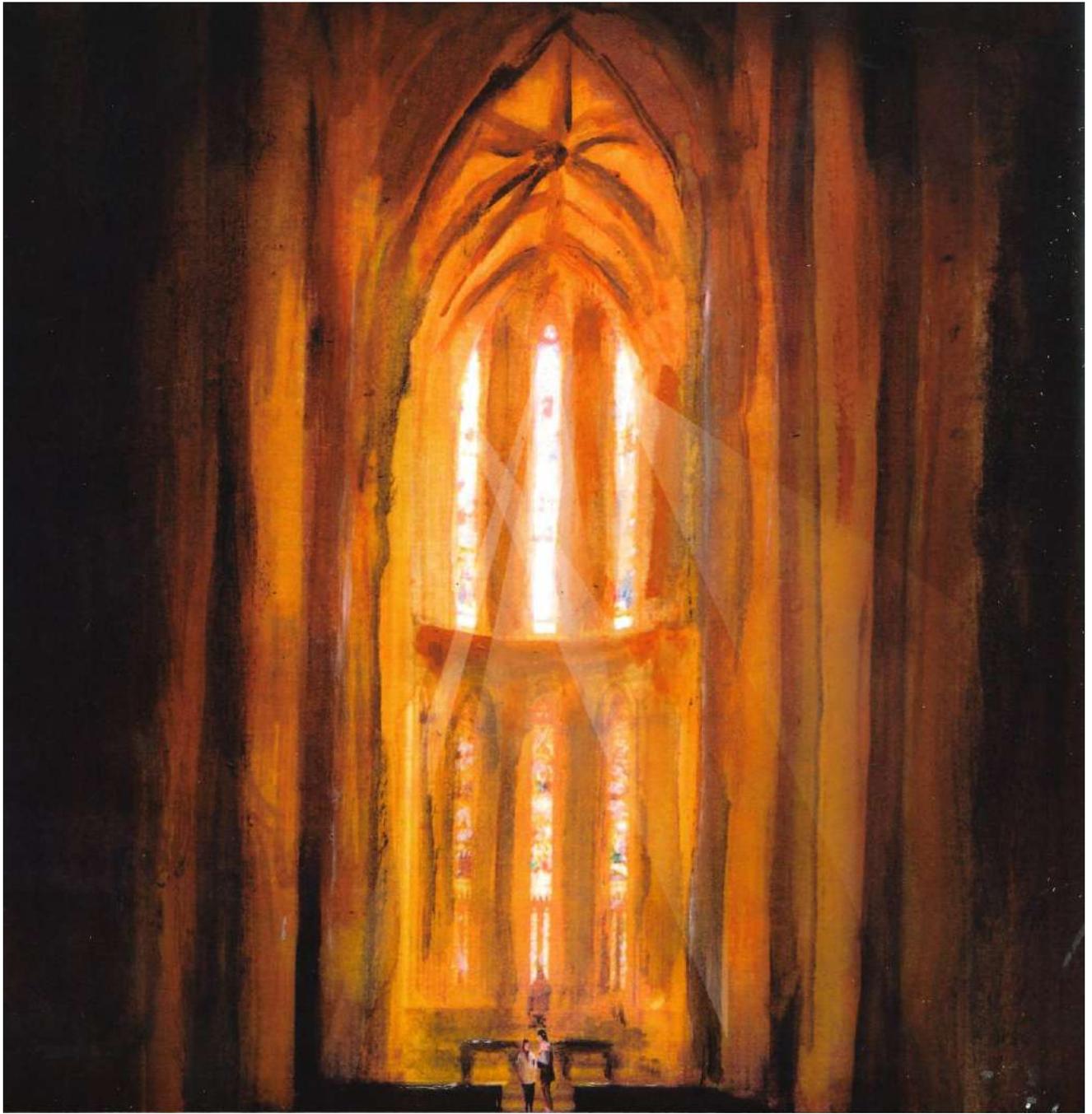
Huguet, esquecido o frio, continuava entusiasmado:

– E ele? Nada. Um dia perguntei-lhe: Mestre Afonso Domingues, imagina uma sequência, 1-2-3-4-5. Como é que a continuava? Sabes o que é que ele me respondeu? Não? 1-2-3-4-5.

João de Castilho fez um trejeito perplexo antes de confessar que não estava a perceber e Martim Vasques pôs-se a dançar com os braços enquanto, feliz, explicava:

– Se pensares 1-2-3-4-5 e depois 1-2-3-4-5, repara... sobe e desce, sobe e desce, parece um pato a esbracejar. Agora, repara como ondula 1-2-3-4-5-4-3-2-1-2-3-4-5. Parece música...

– Já percebi. A música de Afonso Domingues era outra, bem sei. Outros tempos. Vamos lá para dentro? Podíamos acordar o Mateus Fernandes...



Entraram de roldão na igreja.

Huguet foi ler a placa do túmulo de Mateus Fernandes e voltou com a notícia de que ele estava de férias. "De férias", perguntaram.

– Tal e qual. De férias..

– Bem, nesse caso o melhor é despacharmo-nos. Ainda falta muito, seguimos a lista assim por alto, não é Martim?

– Tal e qual, tudo por alto. Olhem bem. Igreja de Afonso Domingues: as três naves? Muito bem. Transepto, cruzeiro, coro e as cinco capelas na cabeceira?

– Já vi. Estão bem, atalhou Huguet.

– Teto abobadado?

– O teto abobadado é meu. E também fui eu quem subiu as colunas atarracadas do Afonso Domingues e abri as janelas como deve ser. Devia ter assinado em letras grandes, Huguet. Está tudo bem, também já vi. Martim Vasques, segue em frente.

– Capela do Fundador?

– Fui eu que fiz. Já vi e está benzinho.

– É melhor vermos, disse João de Castilho. E acrescentou rapidamente que era só para ver. Pelo imenso prazer de ver, Mestre. Vamos lá? Do que mais belo se pode ver no mundo inteiro. O Rei e a Rainha, um quadrado com um octógono infinito no meio. Coisa tão simples e tão bonita.



– Muito trabalhaste tu para isto, Mestre, acrescentou Martim Vasques. Dia e noite sem parar. Ainda me lembro do dia em que o rei te disse que queria uma capela que guardasse a memória dele e de toda a família e fosse sítio de oferta daquilo que lhe era mais precioso. Nem ouro, nem prata, mas as armas e os aparatos da sagrada batalha de Aljubarrota. Aqui, neste armário.

Isto daqui ali é tralha que mal tem 100 anos. Estão aqui, o príncipe herdeiro D. Afonso, filho de D. João II; D. João II, filho de D. Afonso V e D. Afonso V, neto de D. João I. Foi uma ideia do rei D. Carlos pô-los aqui, em vez de andarem por aí a passear.

E não ficam mal. Nem me lembrava que eles estavam cá, vejam lá. A seguir é que estão os que el-Rei D. João queria mesmo que estivessem: o Infante e Regente D. Pedro e sua mulher Isabel de Urgel, duquesa de Coimbra; D. Henrique, o Navegador e Mestre da Ordem de Cristo; o Infante D. João, mestre da Ordem de Santiago e sua esposa D. Isabel e finalmente D. Fernando, mestre da Ordem de Avis, que morreu com fama de santo, no cativeiro de Fez.

Huguet estava impaciente outra vez. Contornava as colunas uma a uma, num movimento cada vez mais rápido, até explodir:

– Está visto. Vamos ao Claustro Real.

E lá foram uns a correr atrás dos outros. Até entrarem no Claustro Real e ficarem os três especados, mudos de puro prazer.

João de Castilho foi o primeiro a falar. Como se saísse de um encantamento, murmurou:

– O Afonso Domingues fez aqui um trabalho notável. O claustro gótico perfeito a bem dizer.

A bem dizer quem o fez fui eu, resmungou Huguet. Mas, siga. Escreve aí que precisa de umas obras...

João de Castilho abriu os braços, respirou fundo e retorquiou com uma voz doce:

– Não sejas assim, Huguet. Isto continua belíssimo.

– Pois é mas eu não gosto. Olha para as bandeiras do Mateus Fernandes, Castilho. Cortinas para esconder o sol. Vamos embora. Mas, olhem para isto... folhas de loureiro, esferas, folhas, esferas, folhas, esferas e outra vez folhas, esferas, folhas, esferas... que raio de música é esta? 1-2-3-4-5 pumba 1-2-3-4-5 pumba.

João de Castilho interrompeu-o abruptamente. Por ele, era mais do que tempo de acabar aquela querela e passar à frente.

– Sala do Capítulo, disse. E já estava quase lá em passos largos.

– Fui eu quem a fez. A abóbada é minha, gritou-lhe Huguet.

– E minha, disse ferozmente Martim Vasques.

Olharam a sala pachorrentamente e resolveram que estava bastante bem, assim como o dormitório que Huguet já tinha visto.





– Andam sempre a mexer nesta desgraçada sala, tiram e põem, abrem portas e fecham portas, põem-lhe um andar, tiram-lhe um andar... mas está bem. Daqui para a frente, está tudo mudado, o refeitório, as cozinhas, a copa, os armazéns... tudo mudado. Ainda cá está a fonte. E benzinho. Escreve lá, fonte, bem.

Martim Vasques escreveu diligentemente X no sítio respetivo. E avisou os outros:

– Agora daqui para o Fernão d'Évora – Claustro dos noviços. Claustro D. Afonso V. Nada que tenha a ver connosco.

– Nada, respondeu Huguet. É uma forma diferente de pensar. Mas, é boa pessoa. E fez isto. Um claustro com dois andares.

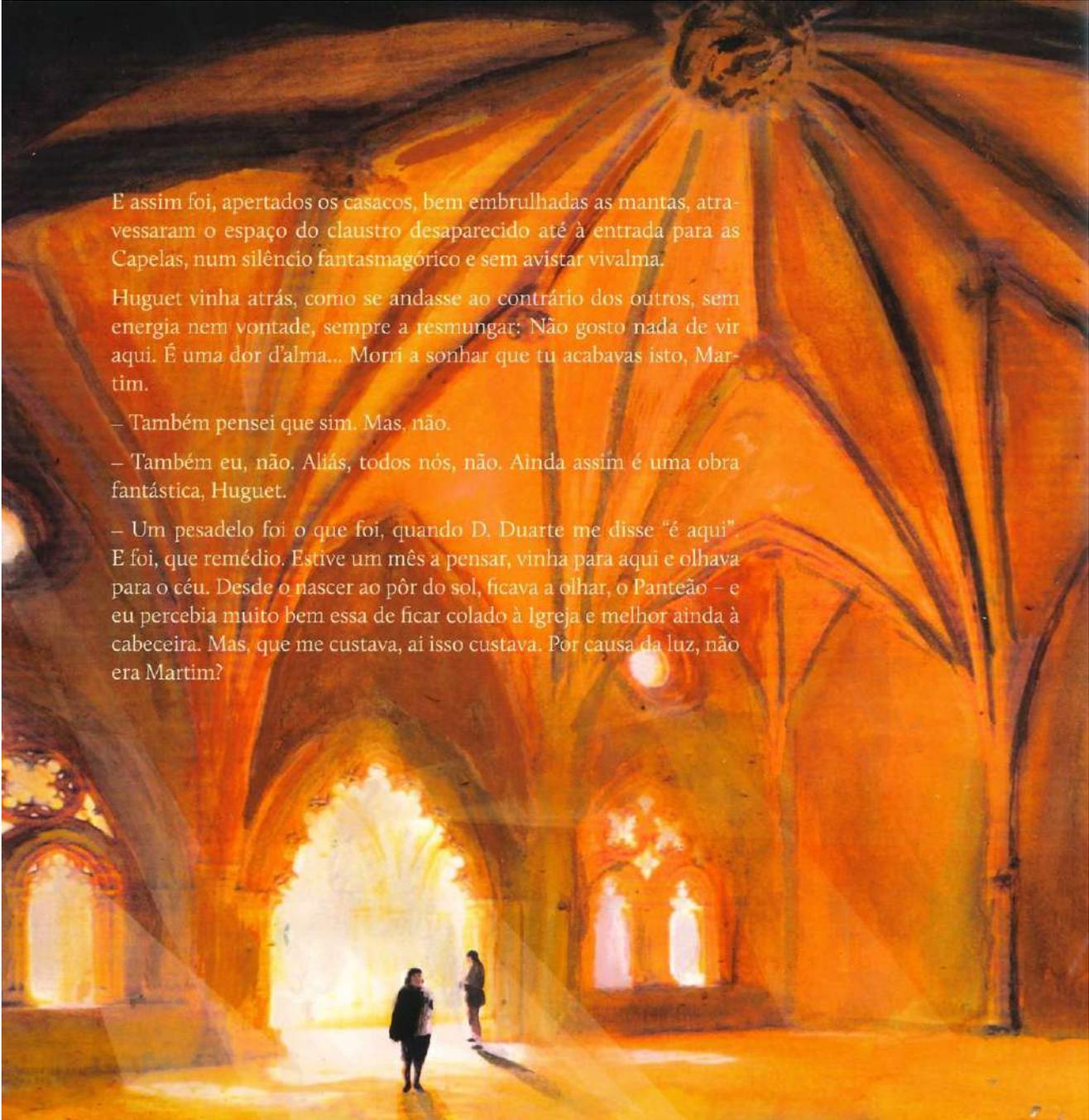
Martim Vasques atalhou antes que começasse outra conversa interminável:

– Escrevo o quê? Bem? Mal? Assim assim? João, diz lá tu.

– Em uso intensivo. Daqui a 100 anos logo se vê. Tens de escrever onde diz “observações”. E não estando cá nem Mouzinho de Albuquerque, nem o Palhares nem o Santos Pereira eu recuso-me a fazer mais do que atravessar sempre em frente até à praceta. Espero que concordem comigo.

Martim Vasques levantou os olhos do papel e, mirando os outros dois com evidente ternura, esclareceu:

– Digo-vos já, não estou aqui para me aborrecer, não estou aqui para me chatear com nada. Vim assim a flutuar, tranquilo... Percebem? Já somos amigos há muito tempo. Vamos ao Panteão de D. Duarte.



E assim foi, apertados os casacos, bem embrulhadas as mantas, atravessaram o espaço do claustro desaparecido até à entrada para as Capelas, num silêncio fantasmagórico e sem avistar viva alma.

Huguet vinha atrás, como se andasse ao contrário dos outros, sem energia nem vontade, sempre a resmungar: Não gosto nada de vir aqui. É uma dor d'alma... Morri a sonhar que tu acabavas isto, Martin.

– Também pensei que sim. Mas, não.

– Também eu, não. Aliás, todos nós, não. Ainda assim é uma obra fantástica, Huguet.

– Um pesadelo foi o que foi, quando D. Duarte me disse "é aqui". E foi, que remédio. Estive um mês a pensar, vinha para aqui e olhava para o céu. Desde o nascer ao pôr do sol, ficava a olhar, o Panteão – e eu percebia muito bem essa de ficar colado à Igreja e melhor ainda à cabeceira. Mas, que me custava, aí isso custava. Por causa da luz, não era Martin?

– Se era. Corta a luz. E a luz entra por onde, Martim? Até que se abra a cabeceira a luz vem de onde, Martim. Todos os dias nisto...

E Huguet, finalmente rejuvenescido, recordou coisas feitas há muitos séculos com um entusiasmo de criança pequena:

– Foi então que reparei que, se mantivesse a cota da Sala do Capítulo, nada impedia o sol de entrar. Inventei um plano perfeito: uma rosa estilizada, um octógono, figura mais do que querida desta família real. Significava renascimento para toda a gente, mas era especial para o rei D. Duarte, rosa dos Lencaster e dos reis de Inglaterra, poder e proteção, força e resistência. Não é coisa com que se brinque, João. Uma coisa simples, abóbada testada no Capítulo, praticamente igual. Um Panteão perfeito, como o de D. João I.

– Como na Charola do Convento de Cristo em Tomar, acrescentou João de Castilho com um largo sorriso.

– Tal e qual. E a própria cruz de Cristo. Quatro pétalas e quatro espaços entre elas. Quinas, dizia-se quando eu era vivo... Uma entrada e sete capelas radiantes separadas por pequenos corpos triangulares. O rei ficou feliz. Depois morreu e ficou tudo em águas de bacalhau, disse Martins Fernandes com alguma tristeza na voz.

Entraram mas, nenhum deles com grande alegria.

Huguet resmungava contra tudo e contra todos. Martim, mordida a ponta do lápis e lançava suspiros. Só João de Castilho parecia manter alguma calma:

– Não estava à espera de encontrar aqui o rei D. Duarte e a rainha D. Leonor. Vocês sabiam?

Huguet respondeu-lhe intempestivamente:

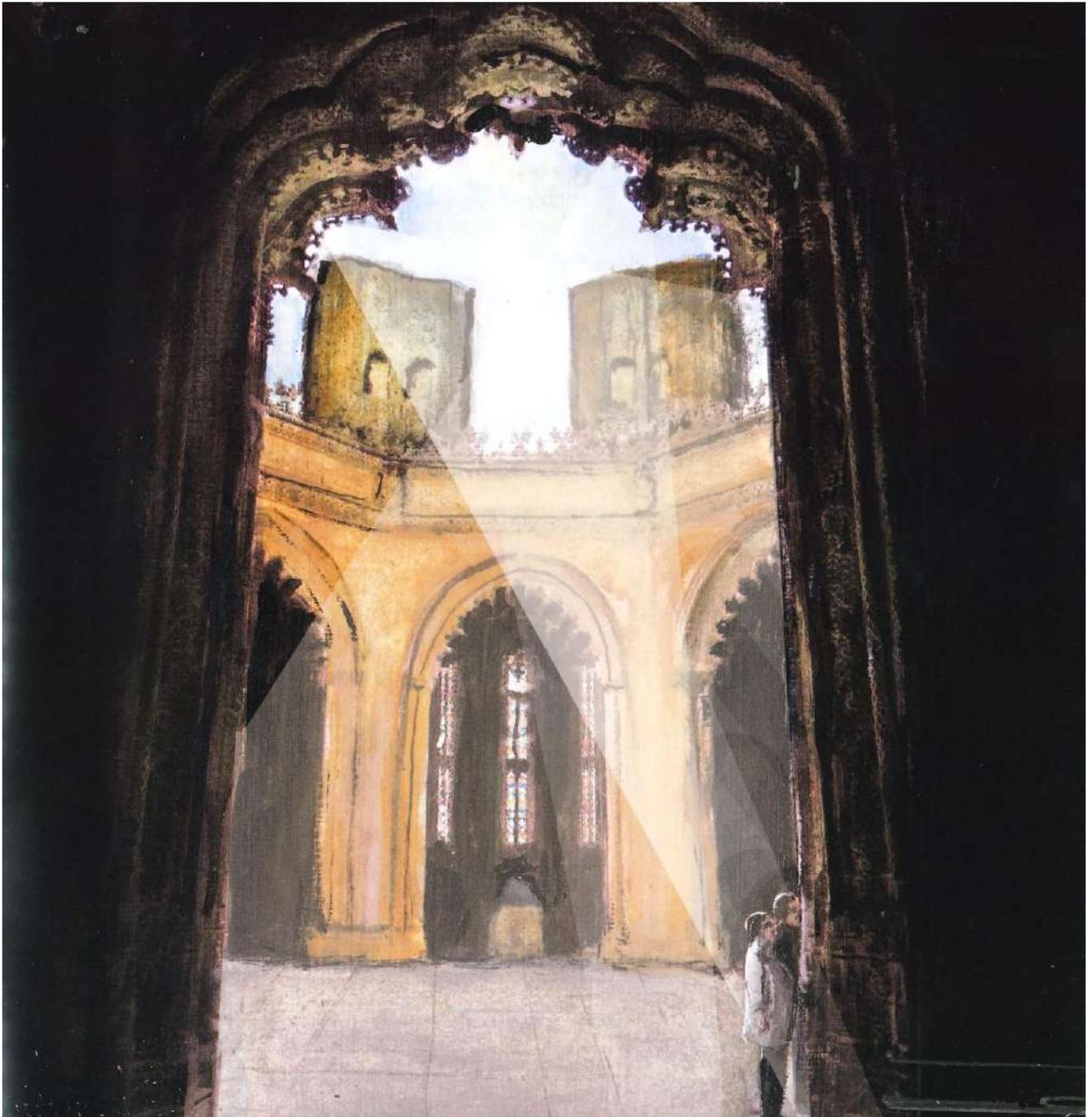
– Foi o Salazar quem os mandou para cá mas foram vocês que deram cabo de isto tudo. Desequilibraram completamente o espaço, quebraram todas as relações com a luz, as volumetrias são imperfeitas... Que raio de coisa queriam vocês fazer aqui?

João de Castilho nem pestanejou. Aquela era uma conversa que já tinham tido muitas vezes. Respondeu-lhe tranquilamente.

– Calma. Já tivemos esta conversa mais do que uma vez. Os tempos mudam, Huguet. O teu plano foi à vida, perdeu-se. Tens de ter paciência. Eu confesso que, quando aqui cheguei, só queria terminar o que estava mais pendurado, parte do portal e as sete capelas funerárias. Fiz o que pude mas, já disse isto muitas vezes, isto tudo interessava-me pouco. O desenho era soberbo, uma vénia aos dois Mestres. E Mateus Fernandes tinha-se excedido a fazer o portal. Podes dizer o que quiseres mas é uma coisa mesmo fantástica. Ou não é?

– É, sim.

– Pois é, Martim. Mas tu, Huguet, vê lá se não está aqui a tua música. Vê lá se não está aqui a tua filosofia. Os cardos entrançados nos acantos e nas vinhas. E isto o que são? Romãs? Romãs, disse-me ele. E espigas de milho. Um ventre cheio de filhos. A maternidade tecida com a resistência e a abundância. O vegetal feminino, o fabricado masculino é isso que faz o manuelino. Este entrançar de viril com a natureza que vocês – tanto tu como o Martim – tanto prezavam, vai dar nisto... O gótico manuelino na sua maior pureza e profundidade. Tens de concordar, Huguet.





– Por que é que o Miguel de Arruda veio para aqui fazer varandinhas renascentistas?

João de Castilho não conseguiu evitar um pequeno gesto de contrariedade, antes de encarar Huguet.

– Porque foi o que o mandaram fazer. Porque os tempos mudam. Mesmo quando parece que não, os tempos mudam.

Só Martim Vasques parecia agora levemente satisfeito, certamente aliviado por estar a dois passos de concluir a sua tarefa. Havia até algum entusiasmo quando se dirigiu aos seus companheiros:

– Eu escrevi: em estado mais ou menos. O que é que acham?

E como os outros acharam bem, concluiu:

– Por esta vez, a não ser que tenham mais alguma coisa a acrescentar, tudo acabado meus amigos. Até daqui a 100 anos!

Despediram-se com abraços e promessas várias, como fazem os bons amigos. E lentamente desapareceram por entre as pedras do Mosteiro e as ruas da Vila, não se sabe para onde.

Nem isso tem nada a ver connosco.



Estas duas histórias foram escritas para serem viagens no Mosteiro – visitas encenadas conduzidas pela mão de “O Nariz – Teatro de Grupo” – e, por isso mesmo, não têm realmente um princípio claro ou um fim perentório.

E é da própria natureza de algumas viagens que seja assim.

Luís Mourão

Título

A Visita do Marquês/Eram só pedras quando tudo começou

Textos

Luís Mourão

Ilustrações

Bruno Gaspar

Design/paginação

Marta Silvério/Isilda Trindade

Edição

Jorlis - Edições e Publicações, Lda.

Impressão

Greca - Artes Gráficas

Tiragem

5000 exemplares

Depósito legal

457345/19

ISBN

978-989-54241-4-6

Junho 2019

Publicação editada pela Câmara Municipal da Batalha, no âmbito do projeto Lugares Património da Humanidade do Centro de Portugal.

Os textos e as ilustrações desta publicação estão protegidos pelo direito autoral, não podendo ser copiados, alterados ou distribuídos, salvo com autorização expressa do editor.



Promotores



Apoio



Cofinanciamento

